



## Os Sentidos Construídos Sobre o Uso do Corpo Nu Feminino em Performances

Ativistas<sup>1</sup>

Márcia Bernardes<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

### Resumo

O artigo aborda o uso do corpo nu da mulher como estratégia mobilização social e busca apresentar sentidos construídos a partir dessas performances. Como recorte, as performances estudadas vinculam-se a discussão e ao combate da violência contra a mulher. Partimos do entendimento de que o uso do corpo em performances ativistas geram fluxos comunicacionais diversificados e produzem diferentes sentidos, que refletem os e nos processos culturais da sociedade e são amplificadas pelas possibilidades tecnológicas, em especial pela internet como um espaço de multiplicação. O estudo identificou sentidos direcionados para o “choque” com a performance; a legitimação do machismo e da cultura da desigualdade de gênero existente, com questionamentos sobre o “lugar” da mulher e com a utilização da violência simbólica do discurso por meio de “piadas e “brincadeiras” e uma importante vertente de debate e articulação causada pela mobilização social por meio da performance.

**Palavras-chave:** mulher, feminismo, mobilização social, corpo.

### O Uso do Corpo da Mulher

Sabemos que a discussão política do uso do corpo da mulher e sua presença nos enfrentamentos sociais e históricos, assim como a análise em torno dos significados do corpo, das suas construções, domesticações e da vigilância a ele imposta, ainda carecem de atenção. Sendo assim, propomos, no presente trabalho, apresentar algumas reflexões sobre os sentidos construídos em torno do uso do corpo nu da mulher como uma forma de ativismo, especialmente marcando questões relativas à violência contra a mulher. Para isso, partimos do entendimento de que o uso do corpo em performances ativistas ou mobilizadoras geram fluxos comunicacionais diversificados e produzem diferentes sentidos, que refletem diretamente os e nos processos culturais da sociedade. Esse uso, inicialmente marcado como um instrumento político de mobilização na busca por

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 11 – Comunicação, Consumo e Cidadania: Políticas de Reconhecimento, Redes e Movimentos Sociais, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação- Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestre em Ciências da Comunicação. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos. E-mail: ma-bernardes@hotmail.com.



influenciar ações e provocar discussões, também recebe construções notadamente marcadas pela cultura patriarcal e machista presente na sociedade e suscita questionamentos até mesmo por parte de ativistas de movimentos feministas.

Na Antiguidade, o corpo era parte de uma visão integral de homem, a partir das ideias de Sócrates e Aristóteles; ou servia de prisão para a alma, conforme Platão. Na Idade Média, o corpo foi majoritariamente desvalorizado, as pulsões e o desejo carnal, amplamente reprimidos. “O culto ao corpo era considerado um verdadeiro pecado, e concebido principalmente como a vestimenta da alma”. (CASSIMIRO, GALDINO e SÁ, 2012, p. 65). No entanto, a partir do Renascimento e da transição para a Modernidade, uma nova concepção de “homem” surgiu, como sujeito responsável pela produção de conhecimento. O corpo passou a ser reconhecido pelas Ciências Biológicas como uma “máquina cheia de engrenagens”. Ao longo do século XX, período que consolidou a Contemporaneidade, o corpo foi ganhando evidência por meio das novas tecnologias e comportamentos, principalmente através do uso dos meios de comunicação. Courbin, Courtine e Vigarello (2008) afirmam que coube ao século XX a invenção teórica do corpo, que passou a ligar-se ao inconsciente e ao sujeito e ser inserido nas formas sociais da cultura. Dessa forma, entendemos que o corpo humano é um sistema que não pode ser compreendido independente do ambiente onde está inserido e nem da cultura que vivencia, acionando e modificando-se uns aos outros: corpo, ambiente e cultura.

Rodrigues foi pioneiro, no Brasil, em analisar o corpo como um sistema simbólico. Segundo ele, o corpo é uma representação da sociedade e é socialmente concebido “[...] e a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso a estrutura de uma sociedade particular” (RODRIGUES, 1975, p. 44). Entendemos que, a partir do momento em que o ser humano está corporalmente inserido no mundo, suas relações são mediadas também pelo corpo. Dessa forma, temos sexo, gênero e sexualidade, assim como outras características identitárias significadas nos corpos. “Neste sentido, o corpo é a ‘superfície de inscrição de valores’, tanto sociais quanto sexuais. Os papéis de gênero são construídos sobre os corpos e vivenciados através de uma sexualidade que lhes corresponde” (MUSSKOPF, 2005, p. 188).



É importante pensar, ainda, que a própria concepção de sujeito<sup>3</sup>, que está relacionada com a autonomia, não se desvincula do tema do corpo. Relacionado com o movimento feminista, o direito ao controle do próprio corpo significa o direito de gerir a própria vida. Segundo Cruz (2006, p. 7, apud ZIRBEL, 2007, p. 78) “o direito ao corpo imprimiu uma marca diferenciadora entre o movimento feminista e os demais movimentos sociais. Se o corpo em nossa sociedade é um dos espaços por onde passa o exercício do poder e da liberdade, para as mulheres ele é o *locus* principal sobre o qual se estrutura a sua dominação”.

Percebemos, assim, que o corpo na atualidade é fonte para provocar múltiplas inquietações e problematizações de diversas ordens: comunicacionais, culturais, sociais, econômicas etc. Nesse sentido, Beatriz Preciado, não conformada com a noção de corpo, sugere que o sujeito moderno não tem corpo, mas sim uma “somateca”, “un aparato somático denso, estratificado, saturado de órgãos gerenciados por diferentes regímenes biopolíticos que determinan espacios de acción jerarquizados en términos de clase, de raza, de diferencia de género o sexual”<sup>4</sup> (PRECIADO, 2013, *online*). Esse aparato reúne uma série de técnicas de poder e de representação que se relacionam entre si. Nessa relação, constroem o lugar de subjetivação do ser humano.

A atitude da nudez, chamando atenção para as questões de gênero que atingem as mulheres é, de alguma forma, a (re)construção de um corpo e de todos os sentidos a ele atribuídos. As discussões em torno desse “lugar” como um espaço de construções sociais também podem legitimar discursos vigentes sobre o que é “normal” e “bom”, reafirma relações de poder, violenta a autonomia das mulheres sobre seu próprio corpo e autoriza

---

<sup>3</sup> Para Touraine, o sujeito evoca a ideia de luta social, semelhante à de consciência de classe, contudo enquanto esfera individual. O sujeito, portanto, configura-se como parte íntima de cada ser que possui como movimento a resistência, o confronto, o debate. O sujeito é produzido na intersecção com a cultura e, assim sendo, seu tempo será o presente, possibilitando a luta por uma ordem social pautada a um tempo pela diferença e pela singularidade, no reconhecimento das múltiplas realidades existentes no social. Cf. VERONESE e LACERDA, 2011, p. 421 e 425.

<sup>4</sup> Tradução livre: um aparelho somático denso, estratificado, saturado de órgãos geridos por diferentes regimes biopolíticos que determinam espaços de ação hierarquizados em termos de classe, raça, gênero ou sexo.



violências de gênero<sup>5</sup> – simbólicas, discursivas e físicas – contra esses corpos. Afinal, como afirma Butler, gênero é um meio discursivo pelo qual a ‘natureza sexuada’ é produzida, anteriormente à cultura, mas como uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura age (BUTLER, 2014, p. 245).

É inegável que a mulher brasileira alcançou, após séculos de luta, relativo poder e participação na sociedade. No sentido legislativo, mais de duas décadas de lutas feministas registram avanços como: a) supressão do ‘Código da Mulher’, que constava no Código Civil e que considerava a mulher relativamente incapaz, como as crianças e adolescentes com menos de 18 anos; b) a aprovação da Lei do Divórcio, em 1977; c) a garantia da igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres na Constituição de 1988; d) a impossibilidade de solicitação de anulação do casamento pelos homens, se a mulher não fosse mais virgem, garantida pelo Código Civil de 2002; e) a retirada do termo “mulher honesta”, que indicava a conduta moral e social da mulher que poderia ser considerada vítima de estupro, do Código Penal em 2004; f) a Lei Maria da Penha, em 2006, com aumento do rigor com relação a casos de violência contra a mulher; e g) a garantia constitucional do aborto de fetos anencéfalos pelo Supremo Tribunal Federal em 2012.

No que concerne à luta pelo fim da violência contra a mulher, pauta historicamente presente nos movimentos feministas, a promulgação da Lei Maria da Penha<sup>6</sup>, em 2006 representou uma grande conquista. A Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres destaca que a violência contra mulheres e meninas é uma grave violação dos direitos humanos.

---

<sup>5</sup> A falta de consenso com relação ao conceito de gênero por parte de diversos autores reflete, de alguma forma, o processo pelo qual passa o entendimento do feminismo, do ser mulher e do próprio conceito de gênero. Aqui, a perspectiva adotada por Louro e Butler orienta a pesquisa. Concordamos com Butler quando ela relaciona gênero à performatividade e corporalidades. A autora afirma que gênero é um “ato”, um estilo corporal, intencional e performativo, entendendo a performance como uma construção de sentido. (BUTLER, 2014, p. 198). O gênero não deve ser interpretado como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de repetição estilizada de atos. O efeito de gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero. (BUTLER, 2014, p. 200, grifos da autora).

<sup>6</sup> Lei 11.340/2006, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dispõe sobre a criação de juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher. Ver: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 18 set. 2014.



Seu impacto varia entre consequências físicas, sexuais e mentais para mulheres e meninas, incluindo a morte. Ela afeta negativamente o bem-estar geral das mulheres e as impede de participar plenamente na sociedade. [...] A violência tem ainda enormes custos, desde gastos com saúde e despesas legais a perdas de produtividade, impactando os orçamentos nacionais e o desenvolvimento global. Décadas de mobilização da sociedade civil e dos movimentos de mulheres têm colocado o fim da violência de gênero no topo das agendas nacionais e internacionais. [...] os desafios persistem na implementação dessas leis, limitando o acesso de mulheres e meninas à segurança e justiça. (ONU Mulheres. *Online*. <http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/fim-da-violencia-contras-mulheres>. Acesso em: 6 abr. 2015.)

No entanto, e apesar dos avanços, o caminho para uma igualdade de direitos é longo, em função de toda a carga cultural e histórica que coloca a mulher em um patamar de desigualdade, tornando necessária a existência de movimentos afirmativos e defensores dos direitos da mulher e de uma série de iniciativas que sublinhem a questão da propriedade do corpo feminino.

O Sistema de Indicadores de Percepção Social do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgada em abril de 2014, apresenta diversas afirmações que demonstram o abismo ainda existente nas relações de gênero. A publicação destaca que, muitas das opiniões trazidas pelo estudo, reforçam o ordenamento patriarcal e heteronormativo<sup>7</sup> da sociedade. Duas afirmações trazidas pela pesquisa relacionam diretamente o comportamento feminino a atos de violência. Quando afirmado que “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”, 26% dos entrevistados concordam totalmente ou parcialmente com a afirmação. Na assertiva “Se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros, o percentual de quem concorda totalmente ou parcialmente é de 58,5%. Nesse sentido, percebemos aqui mais um

---

<sup>7</sup> Por ordenamento patriarcal e heteronormativo da sociedade entende-se uma organização social baseada no poder masculino e na qual a norma é a heterossexualidade. A sociedade se organiza com base na dominação de homens sobre mulheres, que se sujeitam à sua autoridade, vontades e poder. Os homens detêm o poder público e o mando sobre o espaço doméstico, têm controle sobre as mulheres e seus corpos. Por maiores que tenham sido as transformações sociais nas últimas décadas, com as mulheres ocupando os espaços públicos, o ordenamento patriarcal permanece muito presente em nossa cultura e é cotidianamente reforçado, na desvalorização de todas as características ligadas ao feminino, na violência doméstica, na aceitação da violência sexual. A família patriarcal organiza-se em torno da autoridade masculina; para manter esta autoridade e reafirmá-la, o recurso à violência – física ou psicológica – está sempre presente, seja de maneira efetiva, seja de maneira subliminar. (IPEA, 2014, p. 4).





mecanismo de controle do comportamento e do corpo das mulheres, reforçando uma cultura de violência e abuso, culpabilizando a vítima pelo ocorrido.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Avon em parceria com o Data Popular<sup>8</sup>, em 2014, com 2.046 jovens entre 16 a 24 anos, das cinco regiões do país, fica evidente a naturalização da violência contra as mulheres. Apenas 8% das mulheres admitiram espontaneamente já terem sofrido violência do parceiro e só 4% dos rapazes reconheceram que já tiveram atitudes violentas contra parceiras. No entanto, em face de apresentação de exemplos de atos agressivos 55% dos homens declararam ter realizado tais práticas e 66% das mulheres afirmaram ter sido alvo de alguma das ações citadas no questionário por parte do parceiro. Isso demonstra claramente a percepção equivocada da violência, já naturalizada na reprodução das práticas. Outro dado relevante apresentado pela pesquisa se relaciona com o espaço público: 78% das entrevistadas já sofreram algum tipo de assédio nas ruas das cidades, em festas ou no transporte coletivo. Em 68% dos casos, as jovens declararam já ter recebido uma cantada que consideraram ofensiva, violenta ou desrespeitosa e 44% foram assediadas ou tiveram o corpo tocado em uma festa ou balada. A pesquisa apontou, ainda, que são considerados incorretos os seguintes comportamentos da mulher: sair com amigas sem a companhia do namorado ou marido (48%); ter relações sexuais com um homem no primeiro encontro (68%); ficar bêbada em bares, festas ou baladas (80%). Por seu lado, 24% dos homens admitem já terem feito cantadas que podem ser consideradas ofensivas, assediado mulheres em festas ou no transporte público, terem se aproveitado do fato de uma mulher estar alcoolizada para abordá-la ou tentar fazer fotos ou vídeos sem autorização. Esses dados, especialmente por referirem o entendimento e a visão de jovens, demonstram com clareza a reprodução da cultura machista existente na sociedade.

Sabemos que o gênero influencia de maneira decisiva nas ocorrências de violência e abusos – físicos, sexuais e psicológicos – contra mulheres. Strey (2001) afirma que a discussão de um conceito de ‘violência de gênero’ é uma tarefa muito difícil, “na medida

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens\\_versao02-12-2014.pdf](http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf). Acesso em: 16 jan. 2015.



em que o conceito de gênero já pressupõe, por princípio, uma certa quantidade de pressão sobre os indivíduos para conformarem-se aos padrões culturais sobre o que seja ser homem ou mulher (STREY, 2001, p. 59). A autora destaca que a violência de gênero está presente nos meios de comunicação, na política, no espaço doméstico, nas relações sociais e é paralela a outras formas de abuso. Araújo e Mattioli, ao abordarem estudos sobre violência no Brasil, lembram que os principais recortes são manifestações contra a mulher e apontam para a presença de fatores conjunturais na produção ou no agravamento da violência, entre eles a pobreza e a desigualdade social (ARAÚJO e MATTIOLI, 2004, p. 9).

### **As Performances Alcançam Visibilidade**

Dentro da perspectiva de que o ambiente digital assume importância com relação à discussão e disseminação de temáticas relacionadas aos movimentos sociais – entre eles o movimento feminista e as questões de violência de gênero, feminismo e mulheres – percebemos a internet como o ambiente no qual as performances feministas com o uso do corpo no feminino encontraram um terreno fértil para veiculação e construção de sentidos.

Essa amplificação, proporcionada pelas redes tecnológicas e digitais pode ser conferida no alcance de algumas ações feministas desenvolvidas nos últimos anos. Uma dessas ações é, por exemplo, o protesto #EuNaoMereçoSerEstuprada, promovido pela jornalista Nana Queiroz, em março de 2014, após a divulgação da pesquisa do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (IPEA), citada anteriormente, que afirmava que 26% dos entrevistados concordavam com a afirmação “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”<sup>9</sup>. A jornalista postou uma foto de *topless*, em frente ao Congresso Nacional com a frase *Eu não mereço ser estuprada* escrita nos braços. A iniciativa ecoou pelas redes sociais digitais, resultando na adesão de mais de 200 mil participantes.

---

<sup>9</sup> Inicialmente, foi divulgado que o índice de pessoas que afirmaram que mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas era de 65%. O equívoco foi corrigido pelo IPEA. No entanto, o índice de 26% permanece como algo inaceitável.



IMAGEM 1: A jornalista Nana Queiroz em frente ao Congresso



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/04/04/ipea-erro-nao-muda-necessidade-de-debate-sobre-violencia-contra-a-mulher.htm?mobile>. Acesso em: 20 jan. 2015

Segundo o site UOL, em 30 de março de 2014, o movimento “Eu Não Mereço Ser Estuprada” ganhou repercussão internacional em sites internacionais de notícias como o do jornal norte-americano "The Huffington Post", o do francês "20 minutes", o do italiano "La Repubblica" e o do grego "iefimerida". Os sites destacaram a campanha brasileira, ressaltando a luta contra o abuso sexual e o machismo.

No entanto, como destaca o site do UOL:

Mas, ao mesmo tempo que a campanha ajudou algumas mulheres a compartilhar que já foram vítimas e mostrou que parte da população luta contra o machismo, o sexismo e a misoginia no país, a popularidade do movimento reforçou a postura retrógrada daqueles retratados na pesquisa. Na comunidade, muitos homens estão à vontade para ridicularizar a proposta de combate ao estupro e uma das incentivadoras do movimento online recebeu ameaças de estupro após a iniciativa. (<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/30/movimento-eunaomerecoserestuprada-repercute-internacionalmente.htm>. Acesso em: 14 abr. 2015)

Ao pensar no uso do corpo pelos movimentos feministas, uma das primeiras referências foi a Marcha das Vadias, apontada como uma das principais iniciativas nesse sentido. A Marcha é um movimento iniciado no Canadá, que luta contra a cultura do estupro e a culpabilização da mulher pela violência sexual sofrida. O movimento, contando com as possibilidades da internet, se popularizou pelo mundo, gerando movimentos locais. O principal objetivo é questionar a opressão de gênero, o machismo e a violência contra a mulher. A mobilização acontece em espaços públicos e tem na internet um importante suporte para a divulgação e a sensibilização para suas atividades. A proposta do





movimento contempla uma representação feminina não marcada pelo corpóreo apropriado e desejável esteticamente, mas pelo corpo livre, como afirma: “meu corpo, minhas regras!”

IMAGEM 2: Marcha das Vadias de Belo Horizonte, em 2012.



Fonte: <https://terrorismobranco.wordpress.com/category/politica/page/2/>. Acesso em: 24 fev. 2016.

Outras ações, não necessariamente geradas na internet, mas que se multiplicaram e encontraram na tecnologia a possibilidade de amplo alcance foram a festa Xereca Satanik<sup>10</sup>; a campanha Chega de Vazamentos, da Always; o movimento #VamosJuntas, criado como uma iniciativa para que as mulheres andem na rua com mais segurança; entre outros. No decorrer dos últimos anos, a situação da mulher foi intensamente abordada pela mídia, especialmente em questões relacionadas ao corpo, como violência, abuso e estupro. Também foram criadas ou fortalecidas uma série de iniciativas feministas como o Chega de Fiu Fiu, o Think Olga e a Revista AzMina, para citar apenas alguns exemplos.

Entendemos a performance como estratégica, e que encontra no corpo um elemento de grande importância para os atos performativos, em uma perspectiva transformadora. O corpo humano é objeto de análise de uma variedade de áreas, com perspectivas distintas. No entanto, historicamente, podemos afirmar que foi compreendido a partir dos códigos

<sup>10</sup> A Festa foi uma atividade planejada dentro da programação de uma disciplina chamada “Corpo e Resistência”, na Universidade Federal Fluminense, no campus Rio das Ostras, que causou controvérsia, chocou e virou caso de polícia ao propor uma performance onde uma vagina foi costurada (entre outras ações), como forma de protesto aos abusos e violência sexual contra mulheres, especialmente no campus da universidade em Rio das Ostras, no Rio de Janeiro. A “Festa Xereca Satanik”, ocorrida no dia 28 de maio de 2014, pode ser avaliada como uma “estratégia de choque” ou uma forma de exercício do poder, a partir do discurso.



culturais vigentes. Entendemos, aqui, o corpo como um “produto” tanto da cultura, como uma construção biológica, podendo ser considerado biocultural (GARCIA, 1997; SANT’ANNA, 2001). Nesse sentido, Foucault também aponta o corpo como algo não limitado à concepção orgânica, mas como um objeto a ser problematizado. Nesse objeto atuam forças nas mais diferentes direções e sobre ele operam diferentes dispositivos.

Para uma discussão mais acurada sobre as performances, elegemos o movimento #EuNaoMerecoSerEstuprada, mencionada anteriormente e a Festa Xereca Satanik como elementos norteadores para a discussão em um grupo focal. A Festa foi uma performance proposta por um coletivo, com a costura da vagina de uma mulher, e aconteceu dentro da programação de um evento da disciplina “Corpo e Resistência” para chamar a atenção para os casos de abusos e assédio contra mulheres no campus Rio das Ostras da Universidade Federal Fluminense. O grupo conversou a partir de elementos visuais das performances, de questões direcionadas e da observação de sentidos construídos na internet sobre essas performances.

### **Dos Sentidos Construídos a Partir das Performances**

A realização de grupos focais<sup>11</sup> partiu das diferentes percepções encontradas no ambiente online a respeito das duas performances citadas anteriormente: o movimento #EuNaoMerecoSerEstuprada e a Festa Xereca Satanik. Em um primeiro movimento cartográfico<sup>12</sup> no ambiente digital, as manifestações sobre as performances alcançaram as mais variadas orientações, desde a avaliação como “ritual satânico” e “Encontro diabólico que misturou satanismo, feminismo, drogas e orgia”, até notícias como a abertura de inquérito policial para investigar a festa e crítica ao uso de dinheiro público para a promoção de orgias (UFF contou com apoio da Capes), no caso da Festa. Com relação a questão da mulher, especificamente, alguns discursos criticavam negativamente a

<sup>11</sup> Este artigo é parte da pesquisa de doutorado da autora. Para a pesquisa, foram realizados dois grupos focais, mas os elementos apresentados aqui correspondem ao primeiro grupo, piloto da pesquisa.

<sup>12</sup> A cartografia é a metodologia utilizada na pesquisa de doutorado. Ela propõe um percurso metodológico que vai se formando na medida em que o objeto estudado vai sendo processado, valorizando a rede de forças ao qual ele está conectado, no que diz respeito às suas articulações históricas e conexões com o mundo, em um movimento dinâmico e permanente.



universidade, que “estava ressaltando o discurso feminino que versa sobre a mulher como dona do próprio corpo”.

IMAGEM 3: Festa Xereca Satanik



Fonte: <http://primeirahorams.com/2014/06/06/xereca-satanik-participante-de-performance-polemica-na-uff-recebe-ameacas-afirmam-amigos/>

No que se relaciona ao movimento criado por Nana Queiroz, a autora recebeu ameaças de estupro, comentários misóginos na página e mensagens que diziam que a campanha era satanista e intencionava desvirtuar as mulheres de Deus. Também não faltaram os “tradicionais”: “falta de rola”, “vai lavar um tanque de roupa suja” (ou a variante uma pia de louça), entre outros comentários machistas.

Vários internautas estão ironizando o conteúdo divulgado pelas participantes, associando feministas a mulheres indesejadas, afirmando que mulheres deveriam andar armadas para não serem violentadas e lançando provocações, como “ninguém é estuprada em casa lavando a louça” e “o feminismo acaba quando chega a conta do restaurante. (<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/30/movimento-eunaomerecosestuprada-repercute-internacionalmente.htm>. Acesso em: 14 abr. 2015)

A adesão ao movimento, no entanto, mostrou a força mobilizadora da internet, aliada a uma estratégia que chamou a atenção. A presidente da República, Dilma Roussef, manifestou apoio à Nana, assim como muitos e muitas artistas brasileiros.

Nessa exploração *online* das duas performances, percebemos algumas vertentes claras do debate e ou da discussão: 1) uma vertente bastante moralista, com discursos direcionados para o “choque da performance” em detrimento da discussão sobre a violência contra a mulher; 2) outra que legitima o machismo e a cultura da desigualdade de



gênero existente, com questionamentos sobre o “lugar” da mulher e com a utilização da violência simbólica do discurso por meio de “piadas e “brincadeiras” e 3) uma vertente de provocação de debate e de articulação causada pela mobilização social por meio da performance, aqui mais notadamente no caso do #EuNaoMerecoSerEstuprada.

Os grupos focais<sup>13</sup> foram realizados em uma tentativa de articular estas percepções encontradas no ambiente online com discussões mais aprofundadas no ambiente offline, a fim de verificar e aprofundar as vertentes encontradas. A utilização do grupo focal como método partiu, especialmente, de uma situação vivenciada em sala de aula onde um aluno, após a discussão sobre o movimento feminista e a apresentação de algumas imagens da Marcha das Vadias, do #EuNaoMerecoSeroEstuprada e da Festa Xereca Satanik, manifestou desconforto com o uso do corpo nu da mulher como forma de mobilização e ativismo e questionou se esse tipo de ação, por si só, não é uma violência contra a mulher. Partindo desse questionamento e das percepções colhidas na internet, o grupo focal discutiu as performances e possibilitou inferir sobre essas ações<sup>14</sup>. É importante ressaltar que apenas um participante do grupo não conhecia a Festa Xereca Satanik, e que todos e todas tinham conhecimento do movimento #EuNaoMerecoSerEstuprada.

A realização do grupo focal apontou para a construção de sentidos e discursos que demonstram que a performance tem força mobilizadora. Como apontaram as participantes:

O corpo carrega muitos significados em si. É chocante vê-lo exposto? Talvez sim. Mas é preciso naturalizar o corpo da mulher, não objetificá-lo. E mostrá-lo é uma forma de naturalizá-lo. É preciso que a sociedade [...] compreenda que o corpo é algo próprio, ele é processo, ele é um agente de movimento. E a mulher tem, no corpo, sua própria expressão. (A.G)

Eu vejo, nessas performances, uma força. Eu sinto, ao ver as imagens, um certo incômodo, uma desestruturação. E acho isso bom, interessante. É como uma força que move. Eu, como ativista, defendo isso. (M.C)

<sup>13</sup> A coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. (IERVOLINO e PELICIONI, 2001, p. 116.

<sup>14</sup> O grupo foi composto por 5 mulheres e dois homens, com idades entre 29 e 51 anos, ligadas(os) a movimentos feministas ou a estudos de gênero e que foram escolhidos a partir da participação em um evento latino-americano que discutia a temática, por meio de um questionário. Optamos por utilizar as iniciais dos nomes das e dos participantes, uma vez que algumas e alguns solicitaram anonimato.



Eu curti, compartilhei e divulguei o #EuNaoMerecoSerEstuprada porque acho que nós, mulheres, precisamos usar todas as ferramentas possíveis para educar a sociedade. Para mostrar que nós temos poder sobre nós mesmas, sobre nosso corpo. (N.M)

A força das questões culturais ainda aparece nos debates:

Eu acho que a performance em si, especialmente da festa, provoca desconforto. É um choque, sim. Eu fico mais chocada com a performance do que com o estupro, o motivo da realização da performance. (M.C)

Eu fico com raiva dos comentários que julgam as mulheres como inferiores. Dos comentários machistas. De acharem que mulher tem que “esquentar a barriga no fogão e resfriar no tanque”. E acho que a gente tem o direito de usar a roupa que quiser sem ser importunada. (A.M)

Percebemos, nas conversas com o grupo, que as e os participantes enxergam a internet como um espaço marcado pela grande possibilidade de visibilidade para os movimentos sociais e de mobilização. No entanto, também apontaram que o foco dado ao corpo nessas ações possibilita desvios de atenção para fora do conteúdo em si.

“Eu acho que as mulheres devem chamar a atenção pelo que elas têm a dizer, não pelo corpo. Lutamos tanto para que não valorizem apenas nossa estética e acabamos por utilizá-la em detrimento da nossa fala” (A.M)

“Eu acho agressivo! Acho que fazer isso... costurar a vagina... é de uma violência. Não vejo como algo simbólico. Acho desnecessário. E não gosto de ver as fotos. É violento!” (L.P)

Entendemos que, ao expor o corpo em uma performance contra a violência (talvez violando o próprio corpo) a provocação fica clara: surpreender e questionar comportamentos e ações, em um uso político do corpo. E que essas performances – corpo nu ou vestido – que provocam experiências e saberes, problematizam de forma interessante o uso do próprio corpo pelas mulheres, que lhes pertence. Nesse sentido, chama atenção o fato da utilização do corpo feminino/da mulher como ato performático e uma estratégia que expressaria uma outra forma de agir dos movimentos, mais autônoma e menos unificada em uma única visão de movimento (no caso, o feminismo), amplificadas pelas possibilidades das redes tecnológicas e digitais.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) observam que a internet é um artefato cultural que permite a observação da tecnologia na vida cotidiana. “Assim, favorece a percepção da rede como um elemento de cultura e não como uma entidade à parte”, diferenciando-se da





internet como cultura, “entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online e offline. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso”. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 42).

É possível afirmar que o empoderamento por meio do uso do corpo carrega muitas complexidades e enfrenta ou confronta a representação feminina na cultura. A multiplicação de abordagens relacionadas ao corpo feminino busca, de alguma forma, contribuir para a construção de um discurso mais questionador e crítico, mas esbarra nas pré concepções e preconceitos sociais e culturais fortemente enraizados na sociedade. O estudo apontou que a internet tem potencial para produzir um cenário comunicativo diferenciado para as mulheres, para o feminismo e para os movimentos de gênero, desvelando perspectivas de transformação nas relações sociais de gênero, na medida em que pode contribuir para alterar a percepção de relações construídas e aceitas culturalmente, mantidas e repetidas por muito tempo.

Dentro dessa perspectiva, as performances apresentadas adquiriram diversos sentidos e foram geradoras de práticas sociais. Mesmo que para alguns seja uma estratégia chocante, entendemos que o choque ou confronto são muito menos graves do que as situações que originam essas performances. Chocante é o assédio, o estupro e a violência contra a mulher. E isso precisa ser mostrado, discutido e combatido.

## Referências

ARAÚJO, Maria de; MATTIOLI, Olga Ciciliato (orgs.). *Gênero e Violência*. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales; SÁ, Geraldo Mateus de. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à Contemporaneidade. **Revista Eletrônica Print**. São João del-Rei/MG, n.14, 2012. Disponível em: < <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> > Acesso em: 22 set. 2014.

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008.



FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos e técnicas de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Escola Enfermagem USP**, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001. p. 116.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: ago. 2014.

INSTITUTO de Pesquisas Sociais Aplicadas – **IPEA**. Disponível em: <<http://ipea.org.br>>.

MUSSKOPF, Andre Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria Queer a partir da teologia. **História**. Unisinos, Setembro/Dezembro 2005. Vol. 9 Nº 3

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **ONU Mulheres**. Disponível em: <http://onumulheres.org.br>. Acesso em: 6 abr. 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Somateca**. Producción biopolítica, feminismos, prácticas queer y trans. Programa de Estudios Avanzados en Prácticas Críticas 2013. Museo Nacional de Arte Reina Sofia. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/195017464/Preciado-Somateca#scribd>

RODRIGUES, J.C. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea, São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

STREY, Marlene Neves. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In: GROSSI, Patrícia Kriger; WERBA, Graziela C. **Violências e gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 47-70. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=EMHRcN2KPYUC&pg=PA107&dq=violencia+contra+mulheres&hl=pt-](http://books.google.com.br/books?id=EMHRcN2KPYUC&pg=PA107&dq=violencia+contra+mulheres&hl=pt-BR&ei=f8iATuriNYfJgQf3v8Q2&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEAQ6AEwBA#v=onepage&q=violencia%20contra%20mulheres&f=false)

[BR&ei=f8iATuriNYfJgQf3v8Q2&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEAQ6AEwBA#v=onepage&q=violencia%20contra%20mulheres&f=false](http://books.google.com.br/books?id=EMHRcN2KPYUC&pg=PA107&dq=violencia+contra+mulheres&hl=pt-BR&ei=f8iATuriNYfJgQf3v8Q2&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CEAQ6AEwBA#v=onepage&q=violencia%20contra%20mulheres&f=false)> Acesso em: 21 set. 2011.

ZIRBEL, Ilze. Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate. **Dissertação**. (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, março 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence=1>